

DO QUARTO DE DESPESJO

À SALA DE VISITAS

O TESTEMUNHO DO SUJEITO DESLOCADO NOS DIÁRIOS DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

Eunice Pereira da Silva
(UFPA)

Silvaney Vieira da Silva
(Unifesspa)

Nilsoncley Borges de Souza
(UEPA)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Eunice Pereira da Silva é professora de Linguagens na Rede Estadual de Ensino. Possui graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Pará e especialização em Linguagem, Cultura e Educação na Amazônia pelo Instituto Federal do Pará-IFPA. Atualmente é mestranda em Educação pela Universidade Federal do Pará, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, na linha de pesquisa: Culturas e Linguagens, onde desenvolve pesquisas sobre a literatura de escrita feminina negra. E-mail: epnicedasilva@gmail.com.

Silvaney Vieira da Silva é Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, é professor efetivo na Prefeitura Municipal de Tucuruí e desenvolve pesquisas na Escola Arawara da comunidade indígena Assurini, Pará. E-mail: silvaneyvsilva@gmail.com.

Nilsoncley Borges de Souza é mestrando em Saberes Culturais e Estudos Amazônicos pelo Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual do Pará/UEPA (2022), possui graduação em Língua portuguesa pela UNIASSELVI (2012), possui especialização em Metodologia da Língua portuguesa e Literatura pela FAP (2016) e Educação Indígena pela FASAMAR (2020). É professor de Língua Portuguesa nos Municípios de Tucuruí-PA e Novo Repartimento-Pa. É integrante do grupo de pesquisa História da Educação na Amazônia (GHEDA/UEPA/BELÉM-PA). E-mail: borgesnilson15@gmail.com.

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este estudo pretende discutir sobre o teor testemunhal e as experiências do deslocamento do sujeito nas obras <i>Quarto de despejo</i> (1960) e <i>Casa de alvenaria</i> (1961) da escritora Carolina Maria de Jesus. O propósito deste trabalho é de apresentar a relação do não pertencimento da escritora ao ambiente da favela a qual foi inserida, no sentido de refletir sobre o que esse (lugar), resultante de um processo migratório forçado, representou para a autora. A presente pesquisa propôs a analisar e discutir sobre a denúncia da escritora quanto às questões de desigualdades e exclusão social que foram evidenciados em seus diários, durante o seu período de vivência no espaço da favela do Canindé na cidade de São Paulo, durante as décadas de (1950 a 1960). Outro ponto deste estudo é de discutir acerca do sentimento de estranhamento da autora ao se deslocar para a casa de alvenaria em um bairro nobre da cidade de São Paulo, o que a leva conhecer e frequentar outros ambientes, dos quais são territórios demarcados pela classe média alta e branca. Para atingir os objetivos propostos, partimos dos estudos e análises dos recortes de (1955 a 1961) segundo o sentimento de deslocamento da escritora-personagem. Para tanto, nos referenciamos nos pressupostos teóricos dos pesquisadores Anselmo Peres Alós (2009), Seligmann-Silva (2003), Stuart Hall (2015) e dentre outros estudiosos.</p>	<p>This study intends to discuss the testimonial content and the experiences of the subject's displacement in the works <i>Quarto de despejo</i> (1960) and <i>Casa de alvenaria</i> (1961) by the writer Carolina Maria de Jesus. The purpose of this study is to present the relationship of the writer's non-belonging to the favela environment in which she was inserted, in the sense of reflecting on what this (place), resulting from a forced migration process, represented for the author. As well as analyzing and discussing the writer's complaint regarding the issues of inequalities and social exclusion that were evidenced in her diaries, during her period of experience in the Canindé favela in the city of São Paulo, during the decades (1950 to 1960). In order to reach the proposed objectives, we started from the studies and analyzes of the excerpts from (1955 to 1961) according to the writer-character's feeling of displacement. Therefore, we refer to the theoretical assumptions of researchers Anselmo Peres Alós (2009), Seligmann-Silva (2003), Stuart Hall (2015), among others.</p>
PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Testemunho literário; Sujeito deslocado; Carolina Maria de Jesus	Literary testimony; Displaced subject; Carolina Maria de Jesus

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com as pesquisas sobre a historiografia das mulheres no Brasil, esse processo foi construído a partir de um discurso centrado na presença masculina, silenciando e invisibilizando as experiências femininas. Foi apenas na década de 1970 que sociólogas, antropólogas e historiadoras passaram a resgatar a trajetória das mulheres no cotidiano da vida social, evidenciando os signos da opressão masculina e capitalista que estruturaram historicamente as relações de gênero.

Sobre a figura feminina em obras literárias, Rago (1995) ressalta que foi valorizada a temática do ingresso das mulheres no mercado de trabalho e a denúncia das formas perversas desta integração. As péssimas condições de trabalho, os salários inferiores, o assédio sexual e as inúmeras formas da violência machista foram temas que ocuparam as páginas das produções que se dedicaram à mulher trabalhadora e que acabaram por identificá-la como produto das determinações econômicas e sociais, vítimas das injunções do sistema, dando pouco destaque à sua dimensão de sujeito histórico, consciente e atuante.

Quanto à representação das mulheres negras na literatura brasileira, por um longo período esta mulher esteve entrelaçada a preconceitos e estereótipos que prejudicaram na

construção de uma identidade positiva do ser negro e contribuíram para a preservação do racismo, onde na maioria das vezes a mulher negra é vista ora como objeto sexual, ora para exercer trabalhos domésticos.

No tocante a escrita de autoria feminina negra, essa literatura passou por um longo processo de resistência e de sobrevivência há uma cultura eurocêntrica, sexista e racista, alinhada às bases estruturadas e científicas. Assim, a literatura feminina negra perdura a todos os fatores de opressões e ainda que fora do cânone literário, dialoga com realidades vivenciadas em um cotidiano de preconceito, violência e discriminação.

A partir do exposto, dentre as obras de autoria feminina negra da Literatura Brasileira da segunda metade do século XX, temos os diários da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Carolina foi uma mulher negra, de pouca escolaridade, pobre e mãe solo de três filhos. Que migra do seu lugar de origem a cidade de Sacramento no Estado de Minas Gerais para São Paulo por volta de 1948 em busca de melhores oportunidades.

Contudo, a sua vivência na capital, não ocorreu como havia planejado. Carolina consegue se empregar na função de doméstica, no entanto, não chega a se fixar no emprego. Sem melhores oportunidades e grávida de seu primeiro filho, ela passa a não ter um lugar onde morar e sem opção acaba indo viver no bairro do Canindé, uma extinta favela de São Paulo, que na época foi construída às margens do rio Tietê.

Embora haja uma quantidade significativa de pessoas que residiram e ainda residem nessas comunidades, poucos foram os registros dos relatos sobre as suas vivências e experiências de vida, frente aos problemas encontrados nesses espaços geográficos. Como pontua Carolina Maria de Jesus, (1960, p. 36): “aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu.”

Em seus escritos Carolina Maria de Jesus, tece uma reflexão de diversos aspectos da sociedade brasileira dos anos de 1950 e início de 1960. Ela ousou não apenas escrever sobre si mesma, mas, principalmente, expor as contradições da sociedade, numa tentativa de, por meio da escrita, denunciar a situação de desigualdades durante o período de vivência na extinta favela do Canindé na zona norte de São Paulo.

Diante disso, nos propusemos a estudar acerca da literatura de teor testemunhal presente nos diários (1955 a 1961) da escritora negra e brasileira Carolina Maria de Jesus, segundo o sentimento do “sujeito deslocado”. A partir de análises das impressões da autora quanto ao seu não-lugar de vivência, apresentaremos nas próximas páginas desta pesquisa algumas discussões pertinentes ao que nos propomos a estudar acerca do sentimento de estranhamento ao ambiente que foi inserida, onde de maneira análoga Carolina nomeou “Quarto de despejo”, referindo-se ao ambiente da favela do Canindé na cidade de São Paulo, onde viveu, durante o processo de escrita de sua obra. Ainda a intenção deste estudo é de propor reflexões acerca dos relatos testemunhais da escritora e

personagem, perante os fatores de desigualdades e exclusão social.

Este trabalho se organiza da seguinte forma: na primeira seção discutiremos acerca dos pressupostos teóricos os quais tecem discussões a respeito da posição social da mulher negra na sociedade brasileira, da era colonial até a segunda metade do século XX. Em seguida no tópico três, dissertamos sobre o testemunho periférico na obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Na seção seguinte apresentamos nossas análises a respeito do “deslocamento do sujeito” a partir dos diários *Quarto de despejo e Casa de Alvenaria*, publicados em 1960 e 1961 ambos da mesma autora citada. E por fim, nas considerações finais, apontaremos nossas impressões e possíveis conclusões no que concerne ao “não pertencimento” da escritora e personagem nos dois ambientes de vivência, denominados por ela de “Quarto de despejo e sala de visitas”.

1 A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Conforme apontam os estudos sobre a população negra na sociedade brasileira, desde o período colonial e escravocrata, estabeleceram-se hierarquias de tratamento entre as pessoas com base na cor da pele. Como destaca Gonzalez (1984), os critérios raciais serviram de fundamento para a consolidação do racismo estrutural no Brasil, associando historicamente a população negra a uma posição de inferioridade.

Diante disso, nas palavras da autora a sociedade em geral tratou de marginalizar a figura negra, seja esta masculina ou feminina, atribuindo tratamentos estereotipados e racistas, há ainda, acontecimentos histórico-sociais que colaboram imensamente para que, ao longo dos séculos, e, ainda hoje, a mulher negra ocupe um lugar de desprestígio no imaginário coletivo e na realidade social. Assim sendo, percebe-se que a mulher negra é vítima incontestável de uma interseccionalidade de opressões, já que sofre com o racismo e com a discriminação de gênero e classe.

Marcela Ernesto dos Santos, em sua tese de doutorado “Resistindo à tempestade: a interseccionalidade de opressões nas obras de Carolina Maria e Maya Angelou” (2014) destaca que a situação vivenciada pelas mulheres negras possui um caráter bastante peculiar, visto que, elas possuem na pele a marca excludente e seu sexo também as torna menos valorizada na sociedade patriarcal.

Nesse sentido, a posição da mulher negra na contemporaneidade não está desassociada das consequências históricas de um país que legalizou a escravização negra por séculos. Pode-se constatar que a condição das mulheres negras no Brasil colonial estava ligada ao trabalho doméstico, a amas de leite, fiandeiras e ainda exerciam atividades realizadas na agricultura. Nascimento (2019), afirma que para além destes, o espaço exclusivo para as mulheres negras era designado para a função específica de

serem reprodutoras, fornecendo mão de obra para o mercado de escravos durante o período colonial no Brasil.

Tendo como referência o lugar ocupado pela mulher negra na era colonial e escravocrata, as pesquisas de (Gonzalez 1984, p. 160), desenvolve e explora essa questão, no período pós-escravidão, duas visões muito características associadas comumente à mulher negra.

De um lado, a da trabalhadora doméstica, figura que remete à mucama, (mulher escravizada a serviço de senhoras e senhores dentro da casa-grande). De outro, a figura da mulher sensual hipersexualizada, espécie de atração frequentemente exaltada nos tempos atuais, temos como exemplo nos momentos carnavalescos, a mulata do samba, este construído em grande parte sobre outro mito o da democracia racial, que ainda permeia uma boa parte da reprodução da memória em torno da escravidão no Brasil.

Nesse contexto, a mulher negra desde o período da escravização do Brasil foi mantida como mão de obra explorada, tal qual a do homem negro, mas com algo a mais, foi também vítima do abuso sexual. O estupro, que desde os mais remotos tempos presta-se a desempenhar o papel de arma de dominação, que nesse caso havia as mulheres negras escravizadas, que além de desempenharem suas funções na casa-grande, eram obrigadas a satisfazerem o desejo sexual dos seus proprietários.

Dessa forma, percebemos que a condição social da mulher negra na sociedade brasileira, desde o período colonial, esteve entrelaçada às opressões, negações, ao abuso sexual, à violência doméstica e ao preconceito racial e de gênero. Visto que grande parte dessas mulheres ainda ocupa um lugar de subalternidade, marcado pela desigualdade, pelo silenciamento e pelas opressões de uma sociedade racista.

2 O TESTEMUNHO PERIFÉRICO NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*

Inserida em um contexto social e político da segunda metade do século XX, no qual o desemprego já se fazia presente no Brasil do pós-escravidão, essa realidade resultou em inúmeras pessoas sem moradia, passando fome e, em muitos casos, sobrevivendo dos resquícios que encontravam nos detritos das cidades, evidenciando a permanência das desigualdades sociais e da marginalização da população negra. Nessa acepção, os diários da escritora Carolina Maria de Jesus (1955 -1960) tecem relatos de vida de quem se encontrava em uma posição de excluído socialmente. É nessas páginas encontradas nos lixos, que a autora transcreve o seu pensamento crítico sobre a sua realidade.

A obra está dividida em dia, mês e ano e traz o relato testemunhal do cotidiano da favela, contado a partir de sua própria vivência no ambiente. A autora narra sobre suas lutas para sobreviver à fome e como a falta de dinheiro afeta a sua vida e de boa parte da

população periférica no Brasil da década de 50.

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quanto estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p.25).

Desse modo, o título do livro é retirado de um trecho do diário, em que a escritora apresenta aos leitores, a favela, metaforizando-a de “o quarto de despejo”. Dado que, ela nos explica que, falar sobre a favela é referir-se sobre o “quarto de despejo” da sociedade, onde depositam os pobres, subalternizados e excluídos do convívio social. “- É por isso que eu digo que a favela é o chiqueiro de São Paulo. Estou tão triste! Se eu pudesse mudar desta favela!”. (Jesus, 2014, p.162-163). É nesse local de vivência que Carolina Maria de Jesus, exerce a escrita de si e de suas dores, numa tentativa de por meio desses escritos denunciar a situação de desigualdades sociais e as opressões que ela e seus companheiros sofriam.

Nesse contexto, a obra *Quarto de Despejo* se insere na literatura de teor testemunhal. Conforme aponta Alós (2009, p. 130), “a narrativa de testemunho, também chamada de literatura de depoimento, nasceu da necessidade de expressar a opressão dos grupos subalternos em um contexto de feroces ditaduras nos Estados Nacionais latino-americanos.” Assim, a literatura testemunhal se caracteriza, sobretudo, por uma escrita de denúncia e resistência, voltada para a exposição das condições de vida daqueles que a produzem.

Nos estudos de Seligmann-Silva (2003), o testemunho é uma maneira de sobrevivência de quem passou por um conflito em um ambiente tenso e resistiu à morte. Nesse sentido, a narrativa de testemunho, apropria-se principalmente das histórias de vida, com vistas a representar uma coletividade.

Rodrigues (2011) menciona que a obra *Quarto de Despejo* recebeu diversos estudos e tornou-se mundialmente conhecida como uma obra testemunhal, pois apresenta o depoimento de uma mulher negra, favelada, que compartilha os desafios diários que enfrenta para sustentar sua família.

Nesse olhar *Quarto de Despejo* escrito por Carolina Maria de Jesus apresenta uma narração contada a partir da própria vivência da escritora no ambiente da favela, uma vez que, temos uma mulher negra e mãe solo de três filhos que passa por todas as formas de discriminação do século XX e que exerce até certo período o trabalho de catadora de papeis, latas e ferros para poder prover o sustento de seus filhos.

15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de

vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (Jesus 2014, p. 10).

Carolina Maria de Jesus situa os leitores quanto ao problema das desigualdades sociais que era muito recorrente na favela do Canindé na cidade de São Paulo nas décadas de 1950 e 1960. A autora desenvolve uma narração de testemunho das suas experiências e registra em seus diários a triste realidade do ambiente a qual foi inserida.

Ao vivenciar um cotidiano permeado pela fome, violência e marginalização. A escritora coloca este local como foco de discussão e faz da literatura um espaço de desabafo e descontentamento de sua condição de vida, promovendo a descrição da realidade e o retrato dos moradores da comunidade.

Sobre sua condição e dos demais habitantes das zonas periféricas brasileiras, a autora relata: “Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos.” (Jesus 2014, p. 15).

Notamos que os problemas narrados por Carolina, não são apenas de ordem pessoal, mas também de classe. Questões que perpassam pela economia e pela política do país, pela cultura hegemônica marcada pela exclusão de raça e gênero.

Em suas reflexões sobre a realidade histórica e a condição social de “favelada” a qual se encontrava, a escritora questiona que naquele momento, até os pássaros possuíam condições de vida melhores do que os que estavam na condição de (favelados), pois estes “deitam e não dormem, porque deitam-se sem comer” (Jesus 2014, p. 15).

Nos registros diários de Carolina, ela apresenta o dia a dia de uma habitante da periferia urbana de São Paulo, na década de 50, regida pela extrema pobreza e pelo descaso político:

...Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (Jesus 2014, p. 33).

É de suma importância destacar o tom de crítica política e social que a autora tece por várias passagens do seu diário para denunciar a invisibilidade dos marginalizados, relegados ao esquecimento na sociedade brasileira desse período.

Ao abordar sobre o testemunho oriundo de um ambiente periférico e oprimido pelas questões das desigualdades sociais. Carolina faz da sua escrita um ato de protesto a todas as mazelas da vida humana: “17 DE MAIO Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro

País sofrem igual aos pobres do Brasil?" (Jesus 2014, p. 30).

Nos registros presentes na obra, encontramos um clamor contra a opressão de um sistema político que ignora e esconde os excluídos da sociedade no "quarto de despejo" da cidade de São Paulo. Em vários trechos, os leitores se deparam com um grito de socorro, refletindo as péssimas condições de vida das pessoas que vivem nas favelas de São Paulo, no Brasil da década de 1950.

A autora chama a atenção quanto ao descaso das autoridades públicas para com a classe desfavorecida de direitos. Nesse sentido, os escritos de Carolina são fontes de informações sobre o local em que ela vivenciou, constituindo-se de um arquivamento histórico e testemunho das experiências sociais e coletivas de uma população, marginalizada.

Dessa forma, os relatos de Carolina Maria de Jesus cumulam na função que a favela desempenhava como espaço social, na década de (1950 a 1961). Constatamos ainda que a necessidade de se narrar as memórias marginalizadas para a sociedade torna-se uma das características das obras testemunhais, como fez a escritora. Conforme Seligmann-Silva (2003), "o testemunho é um texto de resistência contra as mazelas da sociedade".

Carolina Maria de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil, que tece uma narração de testemunho do cotidiano dos que foram inseridos em um contexto de exclusão social. E foi nesse espaço de negação, que ela testemunhou e narrou nos seus diários de (1955 a 1960), as injustiças cometidas contra sua classe e se utilizou da escrita, como forma de protesto e resistência.

3 O DESLOCAMENTO DO SUJEITO NAS OBRAS *QUARTO DE DESPEJO* E *CASA DE ALVENARIA*

Os diários de Carolina Maria de Jesus trazem reflexões quanto às questões políticas e sociais que pautam às nossas discussões enquanto sociedade, justamente por enfatizar o problema da fome, do suicídio, da extrema pobreza e das diversas formas violência e opressões, de uma população que viveu (e ainda vive) em meio à exclusão social.

A autora ao suplicar por esse tema no decorrer de suas obras, nos leva a perceber que ela sentia um incômodo e estranhamento acerca do ambiente onde viveu por cerca de 10 anos, a favela do Canindé na cidade de São Paulo. Carolina demonstra em vários trechos de sua obra a sua insatisfação ao lugar onde residia:

O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto

que tenho é residir em favela (Jesus, 2014, p.18).

No diário *Quarto de Despejo*, Carolina expõe aos leitores todas as agruras de quem se encontrava à margem da sociedade. A autora apresenta a rotina diária de boa parte da população pobre do Brasil desse período, que vivia em condições desumanas em bairros periféricos, em casas improvisadas e sem segurança contra os períodos de fortes chuvas e enchentes. Propensas a alagamentos, uma vez que não havia saneamento básico nessas localidades.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe panelinhas que há muito ela vive pedindo. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela (Jesus, 2014, p. 35).

Na citação acima, Carolina menciona: “Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela”, este é um discurso que nos leva a refletir sobre a total aversão ao local onde ela vivia e também a uma memória de sofrimento. Como pontua (Seligmann-silva, 2003, p. 56). “A arte da memória, bem como o testemunho, é uma maneira de ler as cicatrizes”.

Nesse contexto, ao estar inserida no ambiente da favela a todo o momento a escritora demonstra sentimentos de descontentamento e de indignação perante as condições sociais de quem foi para o “quarto de despejo”, de modo que Carolina compara a favela a um local onde se deposita os excrementos e tudo o que não tem utilidade. “...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 2014, p. 60).

A obra *Quarto de despejo*, tematiza de forma reflexiva sobre o que concerne ao território da favela onde viveu a escritora e personagem. Um espaço marcado de significados e que ela estabelece uma relação com sua história de vida, de modo que, as suas frustrações com o lugar de vivência, lhe despertam sentimentos de estar deslocada nesse ambiente. Nesta discussão, Santos e Valle (2019), pontuam que:

O deslocamento do sujeito na contemporaneidade, bem como dando visibilidade ao sujeito diaspórico, muitas vezes deslocado de seu lugar, de sua cultura e de sua identidade. Nesse sentido, a representação dos problemas humanitários ligados aos grandes deslocamentos demográficos, ao desenraizamento de sistemas simbólicos tradicionais e os interstícios existenciais do não-lugar, os quais sujeitos migrantes são obrigados a sucessivamente ocupar e desocupar, a intimamente criar e a recriar

sistemas de adaptação e conformação simbólica, por força de necessidades que fogem do controle individual dos envolvidos – evidenciam algumas das condições desse ambiente (Santos E Valle, 2019, p. 82).

Outro ponto evidente na obra “*Quarto de despejo*” está relacionado ao sentimento de repúdio, quando Carolina e seus filhos presenciavam diversas situações constrangedoras em relação ao modo de vida dos moradores da comunidade, dentre elas, havia as constantes brigas entre os moradores, os atos de violência doméstica, o abuso e a prostituição infantil e ainda o grave problema relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas pelos filhos dos vizinhos de Carolina.

Assustei-me quando ouvi meus filhos gritar. Conheci a voz da Vera. Vim ver o que havia. Era o Joãozinho, filho da Deolinda, que estava com um chicote na mão e atirando pedra nas crianças. Corri e arrebatei-lhe o chicote das mãos. Senti o cheiro de álcool. Pensei: ele está bebado porque ele nunca fez isso. Um menino de 9 anos. O padrastro bebe, a mãe bebe e a avó bebe. E ele é quem vai comprar pinga. E vem bebendo pelo caminho (Jesus, 2014, p.101).

Ao presenciar as ações cotidianas da comunidade do Canindé, Carolina ficava cada vez mais pávida com as condições de vida daquele ambiente, onde ela vivia em constante busca por uma forma de criar e educar seus filhos em condições mais adequadas. Em um de seus relatos, ela descreve a situação de uma criança da favela que vai à escola alcoolizada: “Deixei o leito as 4 da manhã. Liguei o radio para ouvir o amanhecer do tango... Eu fiquei horrorizada quando ouvi as crianças comentando que o filho do senhor Joaquim foi na escola embriagado. É que o menino está com 12 anos.” (Jesus, 2014, p.132).

Desse modo, é devido a esses fatores que Carolina expressa um sentimento de incômodo e de que ela está inserida em um ambiente estranho e, portanto, deslocada por não pertencer aquele lugar. “... A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente” (Jesus, 2014, p.55).

Como podemos perceber no trecho citado, há uma denúncia implícita sobre a precariedade da educação formal na fala da autora. A narradora deixa evidentes, em sua escrita, seu descontentamento com o ambiente em que vive. Para ela, a favela representava um espaço de alienação, totalmente inadequado para o convívio dela e de seus filhos, onde eram frequentes as brigas, as cenas de nudez entre as mulheres, a violência doméstica, as palavras de baixo calão, a prostituição, o abuso sexual infantil e o consumo de bebidas alcoólicas pelas crianças da comunidade.

É válido ressaltar que por toda a obra, nota-se um desejo intrínseco de Carolina por ocupar outro lugar, um ambiente propício, possível e social ao convívio de si e dos filhos.

Assim, a favela representa o não-lugar para a escritora.

Inconformada com esse convívio social, Carolina inicia uma busca incansável para encontrar uma forma de poder mudar-se desse local, a qual ela vê que na publicação de sua literatura uma possível solução para conseguir comprar uma residência em um bairro favorável à educação dos filhos.

Ao se deslocar para outro espaço, que ocorre através da venda de sua primeira publicação o diário *“Quarto de despejo”*, Carolina consegue sair da precária situação de extrema pobreza e das mazelas impostas no ambiente a qual residia. E passa a ser inserida em uma sociedade onde há paz, tranquilidade e principalmente condições de comprar comida para si e os filhos.

Por cerca de quinze anos, a favela representou para a escritora uma dura e amarga vida, mas com um final feliz. *“A favela deu me aborrecimentos e um fim maravilhoso”* (Jesus, 1961, p. 45). Carolina não esconde a sua felicidade ao conseguir mudar-se da favela, e assim, expõe o seu sonho de morar na casa de alvenaria. *“A favela é um quarto de despejo e o meu sonho é residir numa casa de alvenaria”* (Jesus, 1961, p. 91).

Já instalada no novo espaço de vivência a *“sala de visitas”*¹, Carolina Maria de Jesus substitui a sua rotina de recolher papéis, latas e ferros nas ruas, por visitas a livrarias, para autografar a sua obra recém-publicada, e passa a ser reconhecida pelas pessoas da cidade por seu trabalho de escritora: *“Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela”* (Jesus, 1961, p. 17).

Contudo, apesar de Carolina estar morando no lugar que sempre almejou, distante das mazelas da favela, é nesse novo ambiente que ela se depara com os obstáculos próprios daquele contexto. Assim, os problemas que ela enfrenta passam a ser diferentes dos da favela, e agora se concentram nas questões de raça.

O preconceito advindo da nova sociedade, a qual não aceita uma ex-favelada e negra ser reconhecida e homenageada pelo seu talento de escritora literária. Como Carolina registra em um trecho da obra *Casa de alvenaria*: *“Os estudantes perguntaram os fatos da favela. Eu ia respondendo. Disse-lhe que os favelados lutam para alimentar-se. Perguntaram por que é que eu, sendo preta, estava recebendo um diploma da Academia”* (Jesus, 1961, p. 55).

Nesse sentido, ao se deparar em um ambiente imposto pelo preconceito e exclusão social devido a sua cor de pele e a sua origem, a escritora tece questionamentos para si, quanto ao seu sonho de residir em um ambiente nobre:

Eu pensava: será que entre este povo culto reina a paz e a harmonia! Será que as pessoas do lado de cá são boas ou perversas? A Faculdade estava

¹ Termo usado pela autora, para referir ao espaço reservado à classe privilegiada da sociedade.

superlotada. Os estudantes espalharam pelas ruas uns boletins que dizia: “Esta Faculdade, que já libertou os escravos, precisa libertar os favelados” (Jesus, 1961, p. 56).

É nesse contexto do racismo social, que se fazia presente no cotidiano de Carolina Maria de Jesus. No ambiente da “sala de visitas”, a escritora estava inserida em um espaço demarcado por uma sociedade branca, de classe média alta e que não aceita a ascensão de uma mulher negra, escritora e periférica.

Dessa maneira, a fala de Carolina, que é uma clara voz de denúncia, torna-se ainda mais potente no diário Casa de Alvenaria. Ao estar nesse espaço social, marcado pela branquitude que nega o direito de uma mulher negra, oriunda da favela, transitar por ambientes antes quase exclusivamente frequentados por pessoas brancas e de classe social ascendente, sua voz ganha uma dimensão de resistência. Como evidência a autora na seguinte passagem:

...Chamei a governanta e pedir para lavar um vestido para mim às pressas.

— Não, só segunda-feira. A lavanderia está fechada.

De onde a senhora é?

— Sou da favela.

— Favela?— interrogou-me alterando a voz, meneando a cabeça e olhando-me com repugnância, repetindo

— da favela! ah hotel, ah hotel! (Jesus, 1961, p. 95).

O que também causava incômodo para aquela sociedade de classes era o fato de uma mulher negra e ex-moradora da favela ter se tornado uma escritora reconhecida: “... Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo. Será que preconceito existe até na literatura! O negro não tem direito de pronunciar o clássico!” (Jesus, 1961, p. 63).

Outro ponto relevante refere-se ao fato de que nesta fase da vida de Carolina, ela já estava lidando com valores altos em dinheiro devido à venda da sua primeira publicação, e que agora estava convivendo com pessoas que queria de qualquer maneira se beneficiar da nova fase da escritora, seja usando o nome da autora para fazer propaganda de produtos e marcas, ou até mesmo os pedidos de empréstimos por seus conhecidos. Nesse sentido, sobre a sua nova habitação, agora fora do espaço da favela Carolina relata suas frustrações:

Pensei que houvesse mais idealismo, menos inveja. Mas aqui há não só muita ambição, mas também o desejo de vencer a qualquer preço. Mesmo que os meios empregados sejam podres. Quando matei um porco, lá na favela do Canindé, alguns vizinhos exigiram um pedaço de carne. Rondavam meu barraco feito bicho que fareja presa. Lá na favela era o porco, aqui é o dinheiro. No fundo é a mesma coisa (Jesus, 2014, p.171).

Observamos que, ao lidar com todos esses fatores da nova sociedade, como a ambição, a inveja e o preconceito racial, a escritora também sente não pertencente a este

ambiente: “... Eu ainda não habituei com este povo da sala de visita — uma sala que estou procurando um lugar para sentar” (Jesus, 1961, p. 66).

Desse modo, percebemos que a personagem-escritora encontrava-se em um processo de (des) identificação nos dois ambientes, não se aproximava da sala de visitas (a cidade, os habitantes ricos daquele lugar) e nem do “quarto de despejo” (a favela) e toma para si, o sentimento de também não pertencer àquele local, exemplo do que ocorrera com a sua personagem e narradora, deslocada no “quarto de despejo” e da “sala de visitas”. Essa decepção fez com que Carolina Maria de Jesus, se deslocasse por vários ambientes durante seu período de vida.

Durante a sua trajetória de vida, a escritora perpassa por vários lugares. Mudou-se de seu lugar de origem a cidade de Sacramento em Minas Gerais, para São Paulo, inicialmente morou em casas de família onde exerceu trabalhos domésticos, ao engravidar de seu primeiro filho, não podendo continuar no emprego, teve de ir conviver na favela do Canindé na zona norte de São Paulo. E posteriormente com a venda de sua primeira publicação, muda-se para Santana, um bairro de classe média na zona norte de São Paulo e por fim transfere-se para o sítio em Parelheiro na mesma cidade e com a casa ainda em fase de construção, onde Carolina vive até o fim de seus dias.

De acordo com as biógrafas (Castro e Machado 2007, p. 97) “a repentina mudança se deu num momento de saturação. As coisas iam de mal a pior. O dinheiro era pouco, as chateações muitas. Carolina parecia esgotada emocionalmente e a sua esperança se concentrou nessa roça que tinha comprado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este estudo, observamos que as duas obras em formato de diários de Carolina Maria de Jesus traçam sua trajetória de vida, que começa na favela do Canindé, por volta de 1955, e segue até seu deslocamento para a casa de alvenaria em 1961. Nesse contexto, os relatos da autora, iniciados em Quarto de Despejo (1960) e continuados em Casa de Alvenaria (1961), apresentam suas experiências de quem vivia em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Nessas obras, a autora tece relatos de um cotidiano permeado pela fome, pelo preconceito racial, pela negação de direitos e da ausência de ações políticas. A sua escrita ao mesmo tempo em que abordava sobre o dia a dia dos moradores da favela do Canindé, também denunciava o problema de desigualdade social e da precária situação de quem convivia nas favelas urbanas no Brasil.

Em sua segunda obra, Casa de Alvenaria (1961), Carolina registra sua nova rotina como escritora. No entanto, ela se vê atravessada pela relação de superioridade e poder

exercida pela alta sociedade branca que frequenta o novo ambiente.

Dessa maneira, as duas obras de Carolina Maria de Jesus, nos remetem a dois lugares diferentes e demarcados por problemas sociais distintos. Enquanto que “O Quarto de despejo” nos apresenta um ambiente de hostilidade, pobreza e violência. “Casa de alvenaria” representa um espaço de estabilidade social, mas, inserido em um contexto permeado pela exclusão e discriminação racial.

Dessa forma, constatamos que o testemunho presente nas obras *Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria* (1955-1961) se revela na narração da exclusão social, da precária situação vivenciada pelos moradores da favela e das questões de classe e raça. Carolina Maria de Jesus realiza o sonho de “residir em uma casa de alvenaria”, mas se frustra ao perceber que está inserida em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo preconceito. Além disso, ela percebe que está em um ambiente estranho e deslocado, por não fazer parte da sociedade da “sala de visitas”.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. Literatura e Intervenção Política na América Latina: Relendo Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus. In: *Cadernos de Letras da UFF- Dossiê: Diálogos Interamericanos*, nº 38, p. 139-162, 2009.

CASTRO, Eliana de Moura e MACHADO, Marília Novais de Mata (2007). *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte, C/Arte.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Hoje*. Anpcs, p.223-244, 1984.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1961

_____. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. Ed. - São Paulo: Ática, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. *A mulher negra no mercado de trabalho*. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

RAGO, Margareth. *As Mulheres na Historiografia Brasileira*. São Paulo: UNESP, 1995.

RODRIGUES, Fabiana. Nas fissuras dos cadernos encardidos: os processos de subjetivação e a discursividade literária incanônica em Carolina Maria de Jesus. In: *Anais do SILEL*. V. 2 Nº 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SANTOS, C. G. VALLE, R. M. Narrativas de deslocamento: o lugar para sujeitos migrantes em escritas de Antônio Torres. In: *Revista Entrelaces* V. 1 N° 18 Out./Dez. (2019).

SANTOS, Marcela Ernesto. *Resistindo à tempestade: a interseccionalidade de opressões nas obras de Carolina Maria e Maya Angelou*. 2014. 143 f. Tese (Doutorado em Letras).

SELIGMANN-Silva, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o real. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org). *História, memória, literatura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

_____. *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

Título em inglês:

**FROM THE BEDROOM TO THE DRAWING ROOM: THE
TESTIMONY OF THE DISPLACED SUBJECT IN THE DIARIES OF
CAROLINA MARIA DE JESUS**